

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

PRESENTATION OF THE DOSSIER

Fernando Guilherme Tenório¹

Prezados(as) leitores(as), dado o contexto institucional brasileiro e aquele vivenciado notadamente pelo sistema universitário público, não é alento para presumir horizonte que favoreça a manutenção de uma situação que ao longo dos últimos anos, ainda que não de maneira intensiva, favoreceu a prática de processos de extensão universitária no país. As decisões e falas dos atuais governantes do país, particularmente aqueles relacionados à educação, parecem densas e escuras nuvens que não só deságuam com intensidade diluviana na atual conjuntura, como não permitem enxergar o horizonte com mais clareza. Se os fatos confirmarem os cortes orçamentários não só de bolsas de estudos, mais de fomento à pesquisa, o que dirá aqueles relacionados à extensão universitária. Daí que o presente Dossiê possa servir, no futuro, para contar uma história, por meio de algumas experiências, que no passado não muito distante, se praticava a tríade ensino-pesquisa-extensão no Brasil.

93

A tríade ensino-pesquisa-extensão tem sido o mote aventado tradicionalmente pelo sistema universitário para, conceitualmente, legitimá-lo perante a sociedade e/ou contexto onde atua. Apesar disso, poderemos questionar até que ponto esta tríade, como um terceto, executou, harmonicamente, o desempenho desejado pela sociedade. Aqui e ali, sempre se questiona o papel dos entes universitários e a qualidade dos seus afazeres. Não é incomum que em conversas cotidianas, leigos utilizem expressões de forma pejorativa para externar

¹ Pós-Doutor em Administração Pública pelo IGOP/Universitat Autònoma de Barcelona – UAB. Doutor em Engenharia da Produção pela COPPE/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor colaborador nas seguintes instituições de ensino superior: Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas - EBAPE da Fundação Getúlio Vargas - FGV, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ; Professor permanente na Universidade Federal de Tocantins – UFT. e-mail: fernando.tenorio@fgv.br

suas percepções sobre aqueles que atuam nos espaços acadêmicos: utópicos, abstratos, alienados e quejandos. Também não é incomum que os entes universitários não estejam preparados a darem respostas a essas percepções. Por sua vez, dessa tríade, o que mais aparece é o componente ensino surgindo, logo após, a pesquisa como se os dois não fossem componentes complementares. Pouco se fala da extensão universitária, do ato de transferência do conhecimento originado do ensino e da pesquisa.

Por que não se tem notícia das práticas de extensão universitária? Talvez pelo carente ou desprovido sistema de comunicação das universidades ou porque a prática desse processo não faça parte do dia a dia desses mesmos entes. Isto é, a tríade não passa da performance não harmônica, da dupla ensino-pesquisa. Ou, como alguns admitem dentro do espaço acadêmico, que os projetos de consultoria desenvolvidos por fundações universitárias, quer a governos de turno, quer a agentes econômicos, configurariam ações de extensão universitária. Porém, sabemos que as práticas através de projetos de consultoria servem na realidade, não exclusivamente, para melhorar o conhecimento, mas, principalmente, para obter recursos a fim de resolver questões orçamentárias nas universidades públicas. Por que nas universidades públicas? Porque, com as exceções de praxe, como são os casos de algumas instituições universitárias confessionais ou comunitárias, poucas são as universidades privadas que implementam projetos de extensão universitária e muitas, inclusive, tampouco projetos de pesquisa.

Consideremos, também, que a extensão universitária não pontua tanto nas avaliações quanto na publicação de artigos em revistas indexadas. Aliás, é preciso lembrar que em algumas instituições o ato de escrever “papers” promove mais status do que o ensino e a pesquisa. A extensão universitária é como se fosse o “primo pobre” do sistema de ensino. Como se a extensão universitária não fosse capaz de preencher as carências daqueles que ao sair para o “mercado de trabalho” o fazem apenas pela memorização, quando muito, das aulas e/ou textos distribuídos ao longo do curso. A boa prática extensionista pode, inclusive, aliando teoria e prática, contribuir para promover uma práxis auxiliadora de mudanças na sociedade. Talvez seja por isso que as tempestuosas nuvens que pairam sobre o sistema de

ensino nacional, desejam impedir que práxis sejam feitas, que mudanças ocorram em uma sociedade, cujo sistema econômico-social ainda privilegia poucos em detrimentos de muitos.

Foram os seguintes os artigos selecionados aqui identificados por meio da sequência a serem expostos:

- **Extensão universitária como gestão social: a experiência do Laboratório de Transferência de Tecnologia em Gestão social** – de Thais Soares Kronemberger e Riyuzo Ikeda Junior
- **O guardião de histórias do Vale dos Dinossauros e os saberes da tradição: um relato de experiências de extensão universitária no Alto Sertão da Paraíba** – de Luan Gomes dos Santos de Oliveira
- **Projetos solidários: a experiência do Laboratório de Transferência de Tecnologias Sociais** – de Carlyle Tadeu Falcão de Oliveira
- **Programa Pós Populares: a extensão como práxis educativa nas periferias urbanas de Brasília** – de Erlando da Silva Reses e Wallace Roza Pinel
- **Sistematização de uma experiência de educação alimentar e nutricional em escola pública de Salvador-Ba** – de Virgínia Campos Machado e Amanda Santos Bispo.

Desse modo, o conjunto dos seis artigos publicados no presente **Dossiê**, não ficou restrito ao relato de experiências de extensão. Os leitores poderão observar que concepções teóricas e/ou metodológicas farão parte desse conjunto de relatos. Finalmente, a semelhança do escrito na Chamada para este **Dossiê**, não poderíamos concluir esta Apresentação sem mais uma vez recorrer a Paulo Freire quando em seu livro **Extensão ou comunicação?** comenta que o processo de extensão é um processo educativo e dialógico “com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (Freire, 1983: 25), uma vez que a “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (Freire, 1983: 69)².

²FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Prezados(as), a **Revista Debates Insubmissos**, como o próprio nome pode sugerir, não só promove o debate mas, como sinonímia, levanta questões a respeito daquelas situações que possam gerar e/ou manter a insubmissão dos menos favorecidos, não pela sorte, mas pela maneira como o atual sistema econômico-social interfere no bem-estar, inclusivamente no sistema de ensino do país. O presente **Dossiê** procura expor experiências de uma prática – extensão universitária -, que poderá não sobreviver às escuras e densas nuvens que pairam sobre o mundo acadêmico impedindo, assim, que o conhecimento ainda gerado por algumas instituições de ensino superior, possa ser usufruído pelas populações até o momento marginadas no território nacional. Esperando que os casos de extensão universitária, aqui relatados possam servir de resistência ao futuro até o presente apregoadado. Boa leitura.